

# MÍDIA, POLÍTICAS PÚBLICAS E GÊNERO: DIVULGANDO O MAPA DO TRÁFICO DE MULHERES BRASILEIRAS

*Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti*<sup>1</sup>

*“Jovens mulheres e crianças podem estar sendo recrutadas para tráfico em qualquer país do mundo, em países vizinhos ou até dentro do próprio país”.*

*Be smart, be safe..., US Department of State Bureau, 1997.*

## **Exclusão social, políticas públicas e tráfico de pessoas**

Em 2000, a Organização das Nações Unidas começou a elaboração do Informe sobre a população mundial, apresentando uma ênfase expressiva ao problema da prostituição de meninas e o tráfico de mulheres como sendo um item relevante e merecedor de destaque nas agendas internacionais e nacionais. De acordo com o estudo, *“dois milhões de meninas entre 5 e 15 anos são introduzidas a cada ano no comércio sexual. Além disso, sabe-se que muitas meninas padecem de abusos, forçando-as a ter relações sexuais inseguras e temporárias. Outras se vêm obrigadas a se casar mesmo sendo ainda crianças”*. Atentando para essas estatísticas, a ONU ainda incluiu dados da seguinte ordem: cerca de quatro milhões de meninas e mulheres foram vendidas e compradas tendo como destinos o matrimônio, a prostituição ou a escravidão. *“Muitas caem em mãos de redes de traficantes que as exploram”*<sup>2</sup>.

A partir dessa assertiva, é necessário retomar a análise sobre condição econômica X exclusão social, sexual e racial. As taxas de gravidez precoces e mortalidades maternas no Brasil, por exemplo, se mantêm em patamares inaceitáveis por organismos internacionais e nacionais. É também elevado o número de mulheres que ainda são vítimas de doenças perfeitamente evitáveis por políticas adequadas de informação e saúde preventiva.

A reparação destas ocorrências passa por políticas públicas de saúde e direitos reprodutivos que garantam a liberdade e a dignidade das mulheres. Como forma de apresentar a preocupação nas fronteiras e em diversos países, o levantamento de folders e campanhas nos aeroportos, divulgação na mídia impressa e televisiva, programas de associações de comércio exterior, acabou por apontar que países desenvolvidos organizam uma maneira vasta para divulgação e informação. Deste

---

<sup>1</sup> Doutora em História pela Universidade de León, Espanha. Professora e pesquisadora do Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador (UCSAL). Membro da ANPUH e do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia.

<sup>2</sup> NOGUEIRA, Charo. Dos millones de pequeñas sufren cada año el comercio sexual. *El País*, Madrid, 21 set. 2000.

modo, a mídia une forças para respaldar e fomentar políticas públicas que promovam a liberdade e justiça sociais.

No folder *Be smart, be safe...*, produzido pelo U.S. Department of State Bureau for International Narcotics and Law Enforcement Affairs, datado de 1997 e veiculado através da grande mídia impressa norte-americana, acompanha-se a linha de atuação em versão em português e inglês. O material traz depoimentos, perguntas mais freqüentes e situações de risco (seqüestro de documentos, dependência credor/devedor, violência física e isolamento). As chamadas para trabalhar no exterior ou casamentos arranjados podem ser a fachada do grande comércio de pessoas que ocorre entre países. Da mesma forma que jornais podem ser veiculadores de campanhas anti-tráfico, também abrem espaços múltiplos para comercialização de meninas e mulheres brasileiras.

*“Ainda que algumas mulheres saibam previamente que vão trabalhar em shows eróticos, na lavoura, como empregadas domésticas, ou como prostitutas, somente quando chegam ao novo destino é que descobrem que também vão permanecer em isolamento, sofrer maus tratos, além de serem obrigadas a entregar, senão todo, quase todos os ganhos de seu trabalho aos seus empregadores. As vítimas de tráfico, freqüentemente ficam alojadas em lugares sem segurança, vivem na clandestinidade e trabalham ilegalmente. Longe de casa, traficantes e empregadores forçam mulheres e crianças à prostituição, ao trabalho em condições miseráveis ou outras atividades ilegais mediante estratégias.”*<sup>3</sup>

Para matizar o panorama, os dados capturados por Joni Seager são essenciais e reveladores do estado no qual se encontram as mulheres e as principais representações de sua vida social. No capítulo dedicado ao mercado mundial do sexo, a autora assinala que, nos anos 90, Brasil, Marrocos, Índia, Tailândia, Hungria, Singapura, Malásia e Filipinas eram os principais destinos de turistas sexuais, tendo como emissores em maior escala países como Canadá, Estados Unidos, França, Alemanha, China, Austrália, Suíça. No que se refere ao Brasil, os dados demonstram que as “saídas” de mulheres são especialmente direcionadas para as fronteiras com países da América do Sul, Japão e Europa Ocidental<sup>4</sup>.

### **Comércio sexual: setor que revela as desigualdades sociais e econômicas de gênero?**

A construção do “comércio do sexo” no Brasil é fruto de um processo histórico de desigualdades e injustiças. Aliás, as contradições econômicas e sociais vividas dentro de um sistema massificador permitem não só a existência, mas a ampliação do alcance de suas nuances através de meios de comunicação de massa e de redes nacionais e internacionais, promotoras da prostituição e tráfico de mulheres<sup>5</sup>.

<sup>3</sup> US Department of State Bureau for International Narcotics and Law Enforcement Affairs. *Be smart, be safe...* Washington: DSB-INLEA, 1997.

<sup>4</sup> SEAGER, Jone. *Atlas del estado de la mujer en el mundo*. Madrid: Akal, 2001.

<sup>5</sup> BERTONE, Andrea. Sexual trafficking in women: international political economy and the politics of sex. *Gender Issues*, v. 18, 2000. Também é combatido o tráfico no Artigo 6º da CEDAW, quando

A prostituição traz ainda uma outra face da criminalidade feminina: a agressão explícita aos padrões culturais, compondo um quadro oposto ao da mulher ideal, da mãe de família, da esposa submissa, ao mesmo tempo, que passa a despertar admiração, fazendo e confirmando o perfil de mulher refinada.

A título de confirmação, podemos retornar às décadas de 60 e 70, quando já se configuravam grandes estruturas responsáveis pelo “comércio do sexo”. Consoante Carmen da Silva, uma das divulgadoras da causa feminista através de seus artigos na Revista Cláudia, destinada ao público feminino, o caminho percorrido pela miséria e pela exclusão acabaram induzindo muitas mulheres à prostituição. Não obstante, essa atividade é considerada “*um fabuloso negócio que envolve poderosíssimas redes internacionais de tráfico de mulheres e entorpecentes, bordéis, hotéis, cabarés, boates, inferninhos, espetáculos, organização de call girls*”<sup>6</sup>.

Em outro artigo, a autora traz a idéia de que os meios de comunicação são potenciais instrumentos para a denúncia do que acontece com as mulheres. “*O cinema, a imprensa, o rádio, a televisão, a indústria editorial, todos os meios de divulgação em massa trazem para as mulheres a visão global da situação feminina em outras civilizações*”. Apesar de ser um retrato crítico do período ditatorial, as palavras de Carmen Silva soam mais atuais do que se pode imaginar e refletem o processo de longa duração nas relações entre meretrício e condições econômicas, entre prostituição e tráfico de mulheres.

*“Os novos ritmos que surgem continuamente, em última instância, representam uma descarga de tensão erótica e uma oportunidade de exibição do próprio corpo em contorções voluptuosas. Isso, sem falar na indisfarçada oferta sexual dos shows de rebolado, strip-tease e similares. Folhetos de propaganda de cidades brasileiras, impressos em vários idiomas, indicam ao turista alguns lugares de diversão onde ‘há belas mulheres’, esclarecendo, em alguns casos, que, ‘querendo, também se pode levar a família.’”*<sup>7</sup>

### **Diretrizes mundiais na contra-mão do tráfico**

Outro aspecto pouco investigado, mas que ganha apoio de agências internacionais para sua erradicação é o tráfico de mulheres. Com a abertura de um planejamento acerca da imigração e do trabalho escravo relativo às mulheres - após a definição das estratégias avaliadas na Conferência de Pequim (1995) -, a temática deixou de ser mais um dos silêncios nos quais estavam trancafiadas as mulheres de países de Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) baixo e da pouca ênfase em políticas específicas. Deste modo, o título dado ao Brasil de “*exportador de mulheres*” - tendo uma finalidade de exploração sexual - merece atenção e demanda estratégias por parte das políticas públicas.

---

esclarece que os Estados-membros devem criar medidas, “*inclusive de caráter legislativo, para suprimir todas as formas de tráfico de mulheres e exploração da prostituição de mulher*”.

<sup>6</sup> SILVA, Carmen da. *O homem e a mulher no mundo moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969, p. 59.

<sup>7</sup> SILVA, Carmen da. *Inflação de sexo*. *Revista Cláudia*, São Paulo, abr./ mar. 1968, p. 20.

Uma mobilização global, de caráter político e econômico traz severas críticas ao internacional comércio de mulheres. De turismo sexual, noivas vendidas por correspondência, prostituição em bordéis, pornografia até serviços sexuais forçados podem ser exemplos do que está relacionado diretamente com o tráfico de mulheres. A idéia é associada sempre a um subconjunto do negócio no qual são coagidas mulheres e meninas, escravizadas, seqüestradas, torturadas ou estupradas com a finalidade de garantir lucros aos que promovem um dos mais rentáveis agenciamentos.

Traficar meninas e mulheres é uma das formas mais comuns de imigração, mas todo o trâmite tem características muito especiais. Com o propósito de oferecer/vender “*empregos sexuais*”, as mulheres envolvidas, em geral, não estão conscientes da situação que irão enfrentar ao chegar nos países receptores. De uma ação espontânea ao comércio ilegal do corpo, essas mulheres tomam dimensão da real condição somente quando a volta já é quase impossível.

A definição de tráfico e exploração, envolvendo ou não prostituição de outras pessoas, já constava nos Artigos 1º e 2º, fixados em 1949 na *Convenção para a Supressão no Tráfico de pessoas e da exploração para prostituição de outros*<sup>8</sup>. A Convenção recorre às ações e às estratégias em níveis nacionais e internacionais, exigindo mais do que políticas públicas e ratificação dos documentos que visam a erradicação desse comércio.

Desde 1949, o conceito de tráfico foi ampliado para incluir também aqueles casos onde mulheres são exploradas. A ONU reforça a idéia de eliminação de qualquer tipo de tráfico desde a Conferência de Pequim, de 1995, tanto através da *Declaração* quanto da *Plataforma para Ação*. Já nos auspícios da Organização Internacional para Migração (IOM), com sede em Genebra, o tráfico pode ser determinado quando “*um migrante é ilicitamente comprometido (recrutamento, seqüestro ou comercialização) dentro ou fora de fronteiras nacionais ou internacionais; ou quando intermediários obtêm lucro durante o processo; ou ainda através de coerção e de outras formas de exploração que violem os direitos humanos fundamentais*”<sup>9</sup>.

Também podem ser incluídas aquelas que almejam trabalho fora de seu país, mas que desconhecem a natureza da atividade a ser desempenhada antes mesmo de partir e que, ao chegar, percebem que a situação poderá ser um ato de violação dos direitos humanos fundamentais. Em realidade, o tráfico configura-se como qualquer situação onde mulheres não podem mudar as condições imediatas da própria existência, sujeitas à violência e exploração sexual.

---

<sup>8</sup> UNIFEM. *Convention for the suppression on the traffic in persons and of the exploitation of the prostitution of others*. New York: United Nations Development Fund for Women, 2003. Disponível em: <<http://www.unifem.undp.org/>>.

<sup>9</sup> International Organization for Migration (IOM). *Information campaign against trafficking in women from Ukraine*. New York: United Nations Organization, 1999. Disponível em: <<http://www.IOM.ch/defaultmigrationweb.asp>>.

## **Organizações contra o tráfico de mulheres**

Dentro da América Latina, os dados estatísticos não são exclusivos para o caso brasileiro. De acordo com documentos apresentados pela *Fundação Helsinque de Direitos Humanos*, organização não-governamental com sede na Finlândia, o Brasil é atualmente responsável por cerca de 15% das mulheres que saem da região para trabalhar em cabarés, casas de prostituição, saunas e estabelecimentos do gênero em todo o mundo.

Ainda segundo este relatório - apresentado e divulgado no 1º Seminário Internacional sobre Tráfico de Seres Humanos, sediado em Brasília em novembro de 2000 -, são atualmente cerca de 75 mil mulheres brasileiras que se prostituem em países da União Européia. Conjuntamente com a Organização das Nações Unidas para o Controle de Drogas e Prevenção do Crime (UNDCP) e o Ministério das Relações Exteriores do Brasil, os dados são confirmados e impõem uma nova fronteira nas relações e no comércio internacionais<sup>10</sup>.

Em meio às frentes que pedem justiça e igualdade, estes indicadores são alarmantes e demonstram a necessidade de atuação conjunta entre instâncias governamentais nacionais e internacionais. Um dos países que está na rota preferencial de destino para este comércio e tráfico de mulheres é a Espanha. Para ilustrar tal evidência, podemos trazer a lume dados para 1998 que revelam a deportação de 461 brasileiras da Espanha em razão de estarem em situação ilegal, conforme números apresentados pelo Itamaraty e pelo Consulado brasileiro<sup>11</sup>.

Na Espanha, de acordo com os resumos disponibilizados durante o evento, existem operações permanentes de investigação e prisão de traficantes, que acabam trabalhando quase que exclusivamente com as brasileiras. Por exemplo, em 1998, foram registradas em instituições policiais 463 mulheres brasileiras como prostitutas - duas a mais do que o número de deportadas por estarem em situação

---

<sup>10</sup> Em pesquisa desenvolvida pelo consórcio entre o Centro de Referência, Estudos e Ações sobre Crianças e Adolescentes (CECRIA), Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, Ministério da Justiça e Instituto Internacional de Leis e Direitos Humanos da DePaul College (Chicago), as primeiras informações sobre tráfico de mulheres brasileiras foram apresentadas. Até então, não havia perfis e nem dados concretos. Através deste mapeamento, detectou-se que o perfil das vítimas do tráfico de seres humanos no Brasil é, em sua grande maioria, composto por mulheres, negras, na faixa etária de 15 a 25 anos, vindas de classes populares, com baixa escolaridade e trabalho mal remunerado. Acrescenta-se a estes dados, que as mais jovens já sofreram algum tipo de violência sexual. Outra inferência diz respeito às causas do tráfico para exploração sexual: a violência e as relações sócio-econômicas e culturais. O tráfico de mulheres passa principalmente por países como Espanha, Holanda, Venezuela e Portugal. Mas o tráfico não é só internacional, dentro do país meninas são levadas do interior para a capital, com a promessa de uma vida melhor, mas acabam sendo exploradas sexualmente. No Centro-Oeste, o estado de Goiás é o que tem o problema em maior gravidade. No Nordeste, é o Maranhão e no Norte são os estados do Pará, Roraima e Amazonas. A pesquisa mostra que 59% dos aliciadores são homens. O trabalho fez também um levantamento que apontou 161 pessoas responsáveis pelo tráfico: 109 são brasileiros e 52 estrangeiros.

<sup>11</sup> GASPARG, Malu. Brasil lidera exportação de escrava sexual. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 29 nov. 2000. CHAVES, Adriana. Polícia Federal identifica rede de tráfico de mulheres. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 7 mai. 2001.

ilegal -, além de terem sido descobertas 41 redes diferentes de prostituição e presas 161 pessoas.

Um segundo silêncio se instaura, pois as mulheres exploradas dificilmente denunciam as redes que as mantiveram no país por medo de represálias e por desinformação. Este fator é considerado alarmante pelo diplomata Pedro Garcia, responsável por esse assunto dentro do Ministério das Relações Exteriores. No Seminário, inclusive, foi o relator dos dados apresentados e expôs algumas informações sobre a ação das pessoas envolvidas nestes episódios.

Seguindo ainda as informações divulgadas pela Polícia Federal e pela Procuradoria Geral da República, uma outra rota freqüente de tráfico de mulheres brasileiras para prostituição foi detectada em nove cidades no Estado de Goiás. O destino das mulheres é a Espanha e, pelo menos cem mulheres já foram localizadas em boates espanholas, vindas diretamente dessa “máfia”.

O esquema de Goiânia é apenas a amostra de um problema que, cada vez mais, desafia a Interpol, que realiza um consórcio internacional para interromper tais atividades. Os países envolvidos, geralmente, disponibilizam verbas e acesso irrestrito de investigação, além de controles bilaterais nas fronteiras, especialmente nos aeroportos.

De acordo com essa pesquisa - realizada através do consórcio para o ano de 2000 - o esquema de envios de mulheres para a prostituição já é a terceira maior fonte de renda do crime organizado, atrás do comércio ilegal de armas e de drogas. Movimenta, a cada ano, o equivalente a R\$ 9 bilhões a R\$ 12 bilhões em todo o mundo. *“Tínhamos conhecimento de uma rede que atuava levando moças de Goiás para a Espanha, mas só agora conseguimos identificar os nomes dos envolvidos e a forma como agiam”*, disse o procurador da República, Fábio George Cruz da Nóbrega<sup>12</sup>.

Em geral, habitantes da região sudeste - especialmente do Rio de Janeiro e São Paulo, saem do Brasil com a promessa de trabalhar como domésticas ou garçonetes. A rede é tão estruturada que, para não despertar suspeitas, as mulheres *“viajam com pelo menos US\$ 1.000 e sempre são distribuídas em vôos diferentes. Ficam hospedadas em hotel e acabam cedendo à rede de prostituição. Elas não acreditam que a prostituição seja crime (na verdade, crime é a exploração da prostituição) e temem ser presas. No caso espanhol, o reduto das brasileiras é a região do País Basco, no norte do país. As cidades de Bilbao, Alicante, as regiões de Murcia, Valencia e Madri são, nessa ordem, os locais com maior concentração de brasileiras”*<sup>13</sup>.

A situação de mulheres brasileiras na Espanha se repete também em países como Portugal<sup>14</sup>, Alemanha e Itália. Não existem dados oficiais divulgados, mas

---

<sup>12</sup> CHAVES, Polícia Federal...

<sup>13</sup> GARCIA, Pedro. *Tráfico de mulheres brasileiras para a UE: dados estatísticos*. Transcrição da abertura do 1º Seminário Internacional sobre Tráfico de Seres Humanos. Brasília, nov. 2000. (mimeo).

<sup>14</sup> Em Portugal, ainda são poucas as manifestações e planejamento compartilhado entre países que “exportam” mulheres. No entanto, em maio de 2003, mais de cem mulheres portuguesas da cidade

inúmeras organizações não-governamentais têm trabalhado para divulgar e alertar a comunidade internacional sobre o tráfico de mulheres e de meninas.

A Organização Internacional do Trabalho (OIT) também confirma essa tendência forte de tráfico entre Américas e União Européia e confirma - como organismo internacional - que uma de suas políticas e agendas prioritárias é investir em projetos em parcerias com países envolvidos com a finalidade de rastreamento das rotas domésticas e internacionais de tráfico de mulheres, adolescentes e crianças no Norte do país. O objetivo é levantar informações para ajudar as autoridades policiais a combater esse crime, que está ligado, na maioria dos casos, à exploração sexual.

### ***Campanhas que buscam revelar e alertar sobre a prostituição***

O Centro de Defesa da Criança e do Adolescente (CEDECA), uma das organizações não-governamentais responsáveis pelo projeto, ficou responsável pela coleta de dados e pesquisa de campo, percorrendo desde a fronteira de Roraima com a República do Suriname até as grandes capitais do Nordeste. Posteriormente, após informações analisadas, a pretensão era fazer uma campanha massiva (iniciada em 2002 e com muita divulgação no verão de 2003) para tentar impedir, ou pelo menos, frear a continuidade das rotas e do tráfico sem punição. “*O governo esteve ausente no combate à exploração sexual, um trabalho que é muito difícil e que vem sendo executado com êxito por entidades da sociedade civil*”<sup>15</sup>.

A dificuldade maior em combater a prostituição e a exploração de meninas está, essencialmente, relacionada às diversas formas encontradas: desde jovens que vivem nas ruas, garimpos, sem qualquer estrutura familiar, até o chamado turismo sexual nas cidades do litoral, o turismo sexual fluvial (especialmente nas regiões Norte e Centro-Oeste), o abuso sexual dentro da própria família e a exploração em prostíbulos.

Um procedimento que envolve os setores governamentais nacionais e internacionais e ainda as organizações não-governamentais pode significar mais do que uma campanha específica e que pretende deter o tráfico e exploração de mulheres. Assinala que avanços estão visíveis no que se refere à política de direitos e cidadania social, especialmente quando se fala nas mulheres e meninas, mas os problemas de desenvolvimento e da pobreza ainda são maiores e estimulam a prostituição e a lucratividade da indústria do sexo para os países em desenvolvimento da América Latina como um todo.

A partir do estudo das rotas no Norte e Nordeste ainda pode-se observar a necessidade de políticas públicas nacionais e internacionais fortes e bem

---

de Bragança fizeram um abaixo-assinado pedindo medidas contra as “prostitutas brasileiras”. Organizado por um grupo de mulheres que se autodenomina “Mães de Bragança”, o protesto denunciava a presença de dezenas de prostitutas brasileiras na cidade através de um documento entregue às autoridades locais. Detalhes no artigo “Portuguesas fazem abaixo-assinado contra prostitutas brasileiras” (Agence France-Presse, 09 mai. 2003) e na matéria “Bragança contra mulheres brasileiras”, veiculada no *Telejornal da Tarde* da RTP1 (Lisboa, 11 mai. 2003).

<sup>15</sup> CIPOLA, Ari. Governo faz 1ª ação contra prostituição. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 10 jul. 2000.

estruturadas. Neste sentido, nada melhor do que aproveitar o que já está sendo utilizado como ponto de referência e subsídio para o início da intervenção. O rastreamento vai partir de informações já coletadas por organizações não-governamentais, polícia e Ministério Público.

Particularmente, as organizações não-governamentais, por estarem atuando há muito mais tempo e já acumularem “detalhes e informações” das experiências dessas mulheres, são fonte de conscientização, intervenção e organização como se exemplifica pelas já citadas acima e pela coordenação geral do Centro de Referência, Estudos e Ações sobre Crianças e Adolescentes (CECRIA), sediada em Brasília.

Nos últimos anos, diversas campanhas foram incentivadas e fomentadas com o intuito de, no mínimo, explicitar a real situação em relação ao tráfico e violência contra mulheres. Por exemplo, o Governo Federal tem estimulado a sociedade a denunciar casos de abuso e exploração sexual, para intensificar as ações de combate a esse tipo de violência. No Brasil, as campanhas e as agendas para o combate já ganham espaços concretos ao longo dos últimos anos, ainda mais sendo reforçadas através da punição dos que “gerenciam” a indústria do sexo - desde donos de casas de prostituição ou negociando as próprias mulheres como objeto.

O Código Penal brasileiro, por exemplo, pune “*quem induz ou atrai alguém à prostituição*” ou ainda que facilite ou impede que alguém a abandone (Art. 229; Art. 227; Art. 230). Quanto ao tráfico internacional, o código também traz uma definição no Artigo 231, quando afirma ser crime promover ou facilitar a entrada no país de mulheres para prostituição, ou a saída para o estrangeiro com a mesma finalidade. As denúncias encaminhadas ao *Ministério da Justiça* e para as instituições civis de proteção dos direitos humanos orientaram o desenvolvimento de várias medidas, como as que integram o Programa Nacional de Prevenção e Combate à Violência Doméstica e Sexual, do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM).

Entre as ações previstas no programa estão: a articulação com diferentes setores da sociedade para dismantelar as redes nacionais e internacionais de traficantes de mulheres e meninas; o combate ao turismo sexual por intermédio de apoio à criação de mecanismos de punição de agências que comercializam o sexo; e o fortalecimento do aparelho jurídico-policial mediante a reformulação das Delegacias de Mulher, em face da criação dos Juizados Especiais Cíveis e Criminais (Lei n. 9.099/ 1995).

### ***Meios midiáticos para divulgar a questão***

A imprensa, neste sentido, tem demonstrado ser um veículo de divulgação como é o exemplo do *The Observer*, do Reino Unido, e *El País*, da Espanha. Nos dois jornais, a continuidade na publicação de uma série de artigos sobre a prostituição de meninas e tráfico para a Inglaterra salienta que “*o tráfico para exploração sexual é um grande problema*”, e que, em geral, as jovens são vendidas por suas famílias contatadas em países periféricos (América Latina, especialmente), e que chegam



ilegalmente aos países europeus<sup>16</sup>.

“*Toda prostituta é uma escrava*”. Esta é a idéia fundamental considerada e inscrita na petição final pelos diversos representantes internacionais durante o Simpósio Internacional sobre Prostituição e Tráfico de Mulheres, ocorrido em Madrid em 2000. Tanto a Espanha, sede do evento, quanto a União Européia demonstram séria preocupação com relação a este problema internacional.

A grande tônica foi centrada no debate sobre a regularização da atividade. Por exemplo, a representante do Hetaira Cristina Garaizabal, organização defensora dos direitos das prostitutas afirmava que “*existem redes que obrigam mulheres e meninas a se prostituírem em condições escravas sob ameaça. Isto é intolerável e deve ser observado com mais afinco do que já foi até agora, já que estão envolvidos governo e outros setores poderosos*”<sup>17</sup>.

O papel da imprensa no Brasil tem demonstrado - desde a década de 50 - que é uma incógnita no que se refere à promoção negativa, principalmente quando permite - através de programas femininos no caso da televisão ou anúncios pagos nos jornais - a divulgação ampla de estereótipos e imagens do vir a ser feminino, de uma ideologia discriminatória e formadora de perfis modelados.

De maneira mais genérica, os programas televisivos voltados ao público feminino se restringem em representações do início do século XX: mãe, dona-de-casa e boa forma. Isto acaba confirmando a tradição de papéis diferenciados para homens (produção) e para mulheres (reprodução).

Não obstante, os meios de comunicação, de maneira ampla, também são responsáveis pela promoção de uma massificação de “interpretações” e de perfis. Isto vem mais intensamente a partir da Nova República (1984) e acabam fazendo um trabalho inverso à sociedade, matizado pelo apelo à comercialização e completo processo de submissão aos moldes pretendidos.

Somente a título de reflexão e exemplo da “contramão” trilhada pela imprensa escrita no ano de 2001 - especificamente da revista *Veja* -, retomo artigos intitulados “Daquelas que só dizem sim” (24 jan. 2001), “Aula de casinha” (21 fev. 2001) e “Tabefe no ritmo” (28 fev. 2001).

No primeiro artigo, na verdade uma resenha elaborada a partir do livro *The surrendered wife* (esposas submissas), Eliana Simonetti afirma ser este *best seller* a solução para os problemas recorrentes de uma sociedade patriarcal ameaçada pela emancipação - nem sempre real - das minorias (no caso, as mulheres). Segundo esta tendência, “*a mulher deve sempre dizer sim*”, e continua logo na abertura do texto jornalístico: “*Mas a gordinha Laura Doyle (jornalista norte-americana) não oferece a fórmula da felicidade dos casamentos, e sim a da estabilidade*”.

De que modo essa proposta poderia enriquecer a luta do movimento de mulheres e a busca pela justiça social? Ao invés de imprimir “*alguns conselhos não são totalmente descartáveis*”, não valeria a pena imprimir e circular palavras de ações concretas em prol da liberdade e igualdade entre mulheres e homens? Aliás, esse

---

<sup>16</sup> *The Observer*, Londres, 16 dez. 2000; *El País*, Madrid, 18 dez. 2000.

<sup>17</sup> *El País*, Madrid, 29 jun. 2000.

acaba sendo um exemplo do papel de organizações que, ao invés de provocar debates e assegurar direitos às mulheres, acabam delineando apatia e conformismo em prol da monogamia, da submissão feminina e de matizes amorfos e apolíticos. O texto é encerrado de maneira preocupante, extraído de um trecho da própria Laura Doyle - *“garanto que cada passo no sentido da submissão terá algum efeito positivo”* e acrescentado o seguinte questionamento - *“Não é revolucionário?”*.

Que revolução poderia gerar esta idéia, este tão conhecido “dever ser” feminino e tão desfraldado no último quartel do século XX? Isto, na verdade, seria somente uma reafirmação, uma manutenção do papel da mulher (mãe, esposa, submissa e silenciada).

Seguindo essa linha, o artigo “Aula de Casinha” (21 fev. 2001) relata a experiência da Escola Doméstica de Natal. Novamente, o intuito e o objetivo de estampar nas páginas de uma revista nacional não é o de deixar perplexo, mas somente “informar”, confirmar a necessidade da mulher ser dócil, preparada para *“ser mãe, esposa e dona de casa”*. Repetidamente instigada a idéia de subserviência e submissão, das recomendações de como *“tratar bem os futuros maridos, trocar as fraldas dos futuros filhos, varrer a futura casa, cozinhar, costurar e portar-se decentemente em público”*.

Para fechar esta onda de preconceitos por parte de uma das organizações mais ativas e poderosas - a mídia -, “Tabefe no ritmo” (28 fev. 2001) é uma referência a uma canção sobre violência, incentivada pela letra e coreografia, em que *“os gestos se transformarem em tapas de verdade, criando tumultos em vários pontos”*. A reação por parte de acadêmicas e cidadãs brasileiras foi contundente ao revelar uma contramão da História recente.

### ***Turismo sexual e exclusão social: uma tautologia contemporânea?***

Ao desenvolver uma temática sobre tráfico de mulheres, prostituição e desenvolvimento econômico, também se acrescentam outros fortes impactos causados e originados pelo “comércio do sexo”.

Os produtos culturais passam a ser consumidos como “coisas”, integrando-os ao mundo encantado das aparências (isto é mais do que adequado em tempos de estética por ela mesma), procurando excluir de sua consciência os resquícios de espanto e resistência. Portanto, perderíamos a capacidade criativa, relegando a todos um espaço tal qual um cativo e aos matizes e pinceladas feitas por uma espécie de “verniz” formativo que impede a transformação social e provoca o desaparecimento do estranhamento, do espanto, da suspeita.

Os pacotes de turismo sexual, promovidos especialmente na alta estação nas grandes cidades brasileiras, são incentivadores para que meninos e meninas saiam de sua condição excluída e de poucas perspectivas de futuro. Neste ponto, através de campanhas e programas educativos preventivos, a imprensa e diversas organizações não-governamentais e programas dos Ministérios da Justiça e da Saúde tem enfrentado a delicada economia informal que se amplia a cada ano.

Argentinos, suíços, alemães, italianos e norte-americanos procuram realizar seus desejos e acabam criando mais espaço para a terceira economia informal do

mundial: o tráfico de pessoas, que somente perde para o de drogas e de armas, segundo dados da Organização das Nações Unidas para o ano de 2000.

Há dois anos as campanhas veiculadas no período de verão são intensas e ganharam apoio de muitos setores, inclusive das empresas hoteleiras e turísticas. Afinal, o turismo sexual é um fenômeno que atinge as cidades como atração para aqueles interessados em promover a comercialização de mulheres e crianças, em sua grande maioria.

“Queremos acabar com essa imagem do Rio de Janeiro”<sup>18</sup>, afirma o presidente da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis (ABIH), Francisco Grabowsky. Essa iniciativa tem apoio governamental e de organizações não-governamentais que procuram veicular indicadores e informar sobre a situação.

O governo do Estado do Rio de Janeiro, por exemplo, iniciou em 2001 uma campanha contra a exploração sexual de menores de idade e aliciamento de mulheres, procurando inibir esse tipo de crime, principalmente no período de Carnaval. Mais de 100 mil folhetos, em português, inglês e francês, estão sendo distribuídos na cidade, advertindo que os envolvidos na exploração sexual de menores podem ser punidos com penas entre quatro e dez anos de prisão.

As organizações não contavam com um agravante para os carnavais de 2000 e 2001 nas cidades litorâneas e de maior movimentação como Rio de Janeiro e Salvador. O chamariz - indústria do sexo e a possibilidade de “melhorar de vida” em países desenvolvidos - atrai milhares de meninas que chegam à cidade interessadas no grande número de estrangeiros que vêm ao Brasil para o Carnaval.

Muito recentemente não só as organizações governamentais e não-governamentais direcionaram seus esforços para alargar a atuação e a ação eficaz sobre a “indústria do sexo”.

*“O nosso Nordeste - lindo e ensolarado - não pode aceitar a migalha do maldito mercado dos corpos femininos como alternativa para dinamização da economia local.*

*E como sobrevivente das famílias nordestinas cujas meninas ao nascer são carimbadas para o quartinho de empregada ou para vender o corpo por um prato de comida sou testemunha das possibilidades que temos de superar as normas estabelecidas na vida coletiva por uma elitizinha carcomida, sórdida e incompetente que viabiliza a perpetuação de experiências humilhantes para a maioria da população. Diante da escolha dos caminhos fáceis do turismo sexual prefiro as cicatrizes na alma dos que continuam lutando para superar as gigantescas desigualdades sociais e assim construirmos uma Nação soberana, justa, igualitária, fraterna, socialista.”<sup>19</sup>*

---

<sup>18</sup> FARIA, Antonio Carlos de. Turista faz “pacote sexual” com brasileira: prostituição preocupa hotéis, Governo do Rio faz campanha. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 25 fev. 2001.

<sup>19</sup> CARVALHO, Heloisa Helena. *Corpo de mulher não é mercadoria!!* Brasília: Partido dos Trabalhadores,

Em Campinas, em agosto de 2000, ocorreu o Terceiro Encontro das Mulheres em Libertação, organizado pela Pastoral da Mulher Marginalizada e com o objetivo de examinar temas como cidadania, amor próprio e direito das mulheres.

*“Não propomos que as mulheres saiam da prostituição, pois elas não se prostituem porque querem, mas pela condição social na qual estão inseridas. No entanto o trabalho resgata o amor próprio e muitas acabam optando por parar.”*<sup>20</sup>

Seguindo outros exemplos da imprensa escrita, a seção de “Recados” e “Mensagens” pode sinalizar explicitamente a criação de outros perfis que compõem a “indústria do sexo” e a comercialização de mulheres, visto os inúmeros anúncios veiculados diariamente na imprensa nacional. Um dos casos mais flagrantes talvez seja em períodos de eventos e festas populares como o Carnaval.

Os dois maiores jornais da Bahia - *A Tarde* e *Correio da Bahia* - são veículos preferenciais para tais chamadas, apesar dos apelos e dos relatórios elaborados pelo CHAME<sup>21</sup> acerca da exploração de mulheres e, mais agravante ainda, de meninas.

A seguir, alguns exemplos freqüentes e que também indicam os países de destino para os quais mulheres brasileiras são deslocadas em grande volume. Nos períodos de dezembro a março - estação de verão e festas populares - estes anúncios se multiplicam e não estão listados juntamente com “*Encontros pessoais*” e “*Massagens*”, itens de classificados que são abertos com a seguinte chamada do jornal *A Tarde*: “*A exploração sexual e a prostituição infanto-juvenil são crimes puníveis pela legislação vigente*”.

*“Werner, atraente alemão, deseja conhecer jovem enfermeira para relacionamento sério, cartas com fotos para ...”*<sup>22</sup>

*“Realize seus sonhos na Alemanha. Homens alemães procuram brasileiras para casar. Tenha coragem, ligue-nos.”*<sup>23</sup>

---

06 set. 2001. Sítio eletrônico institucional. Disponível em: <<http://www.pt.org.br>>. Apesar da combativa expressão da senadora, outras são as vivências de jovens espalhadas pelo território nacional. Muitas iniciam como uma forma de ganhar dinheiro e logo se inserem também no âmbito do narcotráfico e uso de drogas. Ver MOREIRA, Márcia. Jovem cobra R\$5 por programa. *A Tarde*, Salvador, 21 jan. 2003; RIBEIRO Jr, Amaury. O pior dos crimes: meninas da Amazônia são aliciadas por traficantes para trabalhar em boates da América Latina e Europa. *IstoÉ*, São Paulo, n. 1705, 5 jun. 2002, p. 38-44.

<sup>20</sup> Declaração, em entrevista, de Denise Martins, ex-prostituta e agente da Pastoral. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 7 ago. 2000.

<sup>21</sup> CHAME/ NEIM. Viagem ao exterior: Sonho ou pesadelo? Salvador: CHAME/ NEIM, 2002.

<sup>22</sup> Recados. *A Tarde*, Salvador, 20 jul. 1998.

<sup>23</sup> Recados. *A Tarde*, Salvador, 5 abr. 2000.

*“Alemão, amabilidade, sério, quero bonita, magra, mulher até 35 anos. Casamento.”<sup>24</sup>*

*“Alemão 34 anos, olhos azuis, procura baiana, possibilidade de passar um tempo na Alemanha.”<sup>25</sup>*

*“Brasileiras! Estou montando um novo site na internet para conhecer australianos. Não se trata de um site pornográfico ou de ‘compra de esposas’! As primeiras 50 participantes serão cadastradas gratuitamente!”<sup>26</sup>*

*“Italiano busca mulher bonita e séria para casamento até 35 anos.”<sup>27</sup>*

*“Alemães sonham em casar com brasileiras bonitas.”<sup>28</sup>*

*“Suíço, homem, sério e maduro, honesto e sincero procura brasileira/baiana para casar. Tenho 38 anos, 1,80 de altura. Sou romântico, simpático, fiel, amoroso, compreensivo, de confiança e muito carinhoso. Eu trato você com respeito e consideração. Eu faço uma vida feliz e menos preocupações.”<sup>29</sup>*

Em outros anúncios, a descrição se prolonga e demonstra novamente a abertura da própria mídia impressa no que diz respeito aos trâmites para prostituição e turismo sexual.

*“Alma de um carinhoso, alegre empresário alemão. Loiro, 35 anos, 1,82, fantasia e humor saudável. Também sensível, protetor, atencioso e um maduro filósofo. Esta com fome do profundo, carinhosos relacionamento, carregado de respeito e solidariedade um ao outro. Sou doutor em filosofia, de física, economista, jurídico e trabalho como empresário com sucesso internacional. Através do destino da natureza, tenho boa aparência, atleta musculoso, praticante de karatê, natação, hipismo. Dou muito valor na humanidade, nas pequenas e grandes pessoas. Sou verdadeiro compreensivo, valorizo o amor ao próximo, família, natureza, animais, principalmente cachorros e cavalos. (...) Espero ansioso por uma carta sua. Você é mulher natural, romântica, mente aberta, com ética humana, tranqüila, amorosa, carinhosa jovem e cultural. De corpo esbelto, boas formas femininas, de cintura fina e alta. Gostaria de receber*

---

<sup>24</sup> Recados. *A Tarde*, Salvador, 24 jan. 2002.

<sup>25</sup> Recados. *A Tarde*, Salvador, 24 jan. 2002.

<sup>26</sup> Recados. *A Tarde*, Salvador, 12 jan. 2003.

<sup>27</sup> Recados. *A Tarde*, Salvador, 12 jan. 2003.

<sup>28</sup> Recados. *A Tarde*, Salvador, 20 abr. 2003.

<sup>29</sup> Recados. *A Tarde*, Salvador, 20 abr. 2003.

*várias fotos coloridas de corpo inteiro e rosto, de boa qualidade. (...) Talvez nos encontraremos assim para uma vida de alma gêmea. Caixa Postal ...”*<sup>30</sup>

Não obstante, essa veiculação em meios de comunicação, o tráfico e a indústria do sexo já haviam composto a pauta de discussões, em 1994, da *Convenção Interamericana*, ocorrida em Belém. No texto divulgado, o artigo 6º afirma que os Estados signatários “*deverão adotar todas as medidas necessárias, incluindo medidas legislativas, com vista a eliminar todas as formas de tráfico de mulheres e exploração da prostituição feminina*”<sup>31</sup>.

### **A sociedade civil apóia através de campanhas de organizações**

Uma outra possibilidade de intervenção nessa situação nada confortável para países da União Européia e Estados Unidos está na elaboração e desenvolvimento de programas que tentem impedir ou inibir o tráfico de mulheres, mais especificamente de cidadãs de países periféricos como o Brasil, Tigres Asiáticos e Leste Europeu.

Quando a sociedade civil se dispõe a agir através das organizações não-governamentais percebe-se claramente a necessidade de intervenção conjunta por parte do Estado e das várias segmentações que compõem determinada sociedade. Deste modo, são inúmeras as organizações não-governamentais que atuam em linhas bem definidas direcionadas às mulheres, envolvendo sua condição de vida, direitos e atendimento especializado.

Como não poderíamos deixar de mencionar, existem organizações fundamentais e instituições públicas, no Brasil, que têm fomentado pesquisas, buscado parcerias e, de todas as maneiras, explicitar as reais condições de exploração sexual e tráfico de mulheres, dando grande ênfase à questão do turismo sexual direcionado para as cidades litorâneas de grande fluxo, tais como Salvador, Rio de Janeiro, Recife e Fortaleza. Entretanto, a via de mão dupla foi aberta a partir também da atuação de governos e organizações estrangeiras que têm o mesmo objetivo.

Dos países europeus que se pode verificar um planejamento e constante preocupação não só no que tange à imigração, mas, sobretudo à indústria sexual montada a partir de poderosas redes internacionais, a Alemanha tem seguido um marcante ritmo para frear uma explosão nos índices sobre tal assunto.

Nos primeiros anos da década de 1980, a organização não governamental alemã *Terres des Femmes (TdF)*, trabalhou intensamente nas promoção dos direitos humanos, principalmente em projetos e programas vinculados a grupos de refugiados políticos. No entanto, como um grande números dos beneficiados para atendimento eram homens, o TdF resolveu focalizar essencialmente uma ação que visasse a inclusão de mulheres como focos de suas atividades, com o intuito de

---

<sup>30</sup> Recados. *A Tarde*, Salvador, 12 jun. 1997.

<sup>31</sup> CEDAW. *Convenção Interamericana para prevenir, punir e erradicar a violência contra a mulher*. Belém, 1994, p. 2.

amenizar e aliviar a luta das refugiadas ao solicitar asilo aos países europeus receptores.

É interessante que, nos relatórios desta ONG, aparece referência à perseguição por causa do sexo, sendo necessário repensar e dar nova configuração aos programas de apoio e de atendimento, levando-se em consideração a perseguição sexual como uma das expressões da perseguição política. Exemplos da violência sexual e que integram as ações de diversas organizações, inclusive a *Terres des Femmes*, podem ser encontrados na circuncisão clitorial e matrimônios com crianças em países periféricos, além de estupro, abuso sexual de meninas, assédio sexual no ambiente laboral e violência doméstica.

Um outra vertente de atenção por parte da TdF está relacionada à prostituição, turismo sexual e tráfico de mulheres. Revelam, por exemplo, que a indústria do sexo promove uma rede internacional e divulga, em catálogos e *folders*, mulheres especialmente vindas do Leste Europeu, Ásia e América Latina com preços que variam de U\$2.000 a U\$8.000.

A organização faz o papel inverso - de interromper e processar os cidadãos alemães que utilizam essas agências e comercializam meninas e mulheres de países longínquos. Nos últimos anos, desenvolveram o “*Overseas Project*” que oferece auxílio às mulheres em vários países e já conta com oito escritórios e representações em toda a Alemanha<sup>32</sup>.

### **Considerações Finais**

Mesmo com o projeto de diversas organizações não-governamentais e da *Organização das Nações Unidas* (ONU) para prevenção e combate ao tráfico de seres humanos - este último datado de dezembro de 2000 - as promessas de emprego, melhores condições de vida e dinheiro fazem o atrativo futuro para milhares de meninas e rapazes que ampliam os números do tráfico mundial de pessoas.

Conjuntamente, a miséria, as más condições de vida, a falta de informação são fatores que impulsionam o aliciamento de mulheres para prostituição e trabalho escravo no Exterior<sup>33</sup>.

Em material preparado pelo Projeto CHAME/ NEIM, outra organização não-governamental responsável pela divulgação e processo educativo de mulheres brasileiras que integram o tráfico internacional, afirma ser a prevenção ao comércio e tráfico a maior diretriz.

*“Alemanha, Itália, Grécia, Suíça, Holanda, Espanha e outros países não são o paraíso. Para muitas brasileiras, estes países significam uma vida mais digna e a esperança de encontrar trabalho, estudo ou até um*

---

<sup>32</sup> Terre des Femmes: Human Rights for Women. *Women’s International Network News*, Spring 1992, v. 18, p. 21-25.

<sup>33</sup> CASTRO, José. Crianças vítimas de abuso em Salvador. *A Tarde*, Salvador, 5 fev. 2002. BOMFIM, José. Tráfico sexual associado ao turismo. *A Tarde*, Salvador, 5 fev. 2002.

*casamento feliz. Muitas vezes a mulher é mantida ilegal e forçada a fazer trabalhos que não quer.*”<sup>34</sup>

Em realidade o papel da imprensa e da mídia, em geral, não é só informar, mas também promover maior debate e fornecer possibilidades e interpretações. Nos últimos anos, a mídia tem acompanhado de perto as modificações nas políticas públicas, divulgando e veiculando campanhas e programas, reforçando a idéia de conscientização e uso da informação como ferramenta estruturante para a real inclusão social.

### RESUMO

O artigo apresenta uma análise sobre o papel da imprensa nacional e internacional na divulgação sobre o tráfico de mulheres brasileiras, especialmente levando-se em consideração o potencial apoio e suporte que podem oferecer às políticas públicas, diretrizes de agências internacionais e programas específicos de organizações não-governamentais. Meninas e mulheres são alvos de exclusão social e de profundos índices de desigualdade, merecendo destaque no que se refere à busca de liberdade e justiça social.

**Palavras-Chave:** Gênero; Mídia; Políticas Públicas.

### ABSTRACT

This work analyses the role of Brazilian and international press on the popularization of Brazilian women's traffic, especially considering the potential support the media could offer to the public policies, guidelines of international agencies and specific programs of non-governmental organizations. Girls and women are objectives of social exclusion and suffer the consequences of deep inequality indexes, deserving prominence in the fight for freedom and social justice.

**Keywords:** Gender; Media; Public Policies.

---

<sup>34</sup> CHAME/NEIM, Viagem... O CHAME é o Centro Humanitário de Apoio à Mulher, correspondendo a um projeto de extensão do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM/ UFBA). Diversas instituições estão envolvidas na tentativa de combate ao tráfico. A seguir serão elencadas as principais em atividade parceira e fomentando redes de trabalho com o intuito preventivo e educativo: AGISRA - Frankfurt, SOLWODI - Hitznach e AMNESTY FOR WOMAN - Hamburgo (Alemanha), Lateinamerikanische exilierte frauen in Osterreich (Viena, Áustria), IEPALA (Madrid - Espanha), Lê Nid (Bruxelas, Bélgica), GG and GD, Fundación Esperanza, Casa Del Inmigrante, TAMPE (Amsterdã, Holanda), Concitato per i dirette civil delle prostitute (Itália) e Terre des Femmes, FIZ - Centro de Informação para Mulheres da Ásia, África e América Latina, SABIA (Suíça).